

# A Irritabilidade nas Relações Parentais (\*)

ANTÓNIO PIRES (\*\*)

De acordo com Novaco e Welsh (1989) os problemas associados à irritabilidade crónica (*chronic anger*) envolvem prejuízo para o bem estar psicológico e saúde física. As relações interpessoais e a performance profissional sofrem também com episódios recorrentes ou prolongados de irritabilidade. Por outro lado, embora não seja uma condição nem necessária nem suficiente para a ocorrência de agressão é contudo um activador central da mesma, quer individual quer colectiva.

Embora a presença e importância da irritabilidade em quadros psicopatológicos, como por exemplo a depressão, ou na etiologia das doenças coronárias seja reconhecida com frequência, o estudo deste conceito como um construto isolado tem sido praticamente inexistente, e a sua distinção dos conceitos de hostilidade e agressão é raramente efectuada. Como o aponta Spielberger a definição destes conceitos tem sido ambígua e mesmo contraditória (Spielberger et al., 1983). Na sua tentativa de clarificar os conceitos este autor considera que a irritabilidade (*anger*) se refere habitualmente a um estado emocional que consiste em sentimentos que variam em intensidade desde uma ligeira

irritação ou contrariedade até à fúria ou raiva. A hostilidade, embora envolvendo sentimentos de irritabilidade, teria a conotação de um conjunto complexo de atitudes que motivam o comportamento agressivo dirigido à destruição de objectos ou a maltratar alguém. Por outro lado, enquanto a irritabilidade e hostilidade se referem a sentimentos e atitudes, o conceito de agressão na generalidade implica destruição ou comportamentos punitivos dirigidos a outras pessoas ou objectos.

Spielberger sublinha ainda a necessidade de distinguir, conceptualmente e empiricamente, a experiência da irritabilidade como um estado emocional, das diferenças individuais na susceptibilidade para se irritar como um traço de personalidade e da expressão da irritabilidade (Spielberger et al. 1983; 1985; e 1988a).

A irritabilidade de estado (*S-anger*) é definida como um estado ou condição que consiste em sentimentos subjectivos de irritação (*irritation*), contrariedade (*annoyance*), fúria e raiva e concomitante activação do sistema nervoso autónomo; varia de intensidade e flutua ao longo do tempo em função de afrontas, ataques ou ameaças injustas, ou de frustração resultante de obstrução ou impedimento de comportamentos motivados (Spielberger, et al. 1988).

A irritabilidade de traço (*T-anger*) é definida em termos de diferenças individuais na frequência com que a irritabilidade de estado é experimentada ao longo do tempo. Supõe-se que as pessoas com elevada irritabilidade de traço tenham maior probabilidade de perceber uma vasta gama de situações como irritantes frus-

(\*) Alguns dos resultados deste estudo foram divulgados na comunicação «Stress apoio social e depressão», apresentada no I Colóquio de Psicologia Clínica, ISPA, 1989, realizado por A. Pires, C. Carreira e C. Marantonio.

O autor agradece a José Garcia de Abreu e Rui Bártoleto Ribeiro as críticas e comentários feitos a uma versão anterior deste artigo.

(\*\*) Assistente, ISPA.

trantes ou contrariedades; respondam a essas situações com um aumento de irritabilidade de estado, além de se irritarem com mais frequência.

A expressão da irritabilidade, por sua vez, inclui duas vertentes. Os indivíduos são considerados «anger out» se exprimem a sua irritabilidade em direcção a outras pessoas ou objectos. Esta maneira de se exprimir envolve um aumento da «irritabilidade de estado» e a manifestação de comportamentos agressivos. A irritabilidade dirigida para o exterior pode exprimir-se por actos físicos tais como agredir outras pessoas, destruir objectos ou bater com as portas ou tomar uma forma verbal: crítica, ameaça verbal ou insulto. Por outro lado, são considerados «anger in», se tendem a suprimir a sua irritabilidade (Spielberger et al., 1985); a supressão da irritabilidade é experimentada conscientemente como um estado emocional, «irritabilidade de estado» (Spielberger et al. 1988).

Se a irritabilidade em geral tem sido pouco estudada, o caso específico da irritabilidade que surge no relacionamento com os filhos ainda menos. Alguns poucos estudos avaliaram a irritabilidade como traço de personalidade, paralelo à depressão, neuroticismo, etc., e a sua relação com o comportamento para com os filhos (Elder et al., 1984; Engfer et al., 1982; Engfer, 1988); outros, não estudando directamente a irritabilidade parental, utilizaram instrumentos que incluem exemplos de irritabilidade nas relações com os filhos como a subescala de sobrecarga do questionário sobre «Atitudes e Sentimentos Parentais» (Codreanu et al., 1984, citados em Engfer et al., 1986; Engfer, 1984). O único caso concreto de instrumento que avalia a irritabilidade parental é a subescala de «anger-proneness and helplessness» do Questionário de Atitudes Parentais de Engfer e Schneewind, 1978, citado em Engfer et al., 1982.

A irritabilidade parental poder ser concebida como um conjunto de sentimentos, como sensação de não ter paciência para a criança, sentir-se tensa ou ter vontade de lhe bater e ter tendência para se encolerizar, zangar, gritar, ou ralhar quando interage com ela.

A impaciência e irritabilidade são manifestações que caracterizam o comportamento parental menos adequado. A irritabilidade do pai é um importante preditor da arbitrariedade do

seu comportamento (Elder et al., 1984), de menos afecto positivo e mais afecto negativo quando interagem com os filhos de idade pré-escolar ou escolar em situações estruturadas (Conger, 1984), e contribui para que os pais punam severamente os filhos (Engfer et al., 1982). Concordantes com estes resultados são as avaliações que Theodore Dix efectuou sobre os efeitos do humor irritável. As mães de crianças entre os 6 e os 8 anos quando em momentos de humor irritável esperam que os seus filhos actuem de modo mais negativo. Quando as crianças não obedecem as mães fazem atribuições mais negativas sobre as crianças e ficam mais perturbadas (Dix et al., 1990).

Por sua vez, a irritabilidade no relacionamento com os filhos encontra-se associada ou dependente dos vários factores ou determinantes do comportamento parental. De acordo com Jay Belsky o comportamento parental seria influenciado por factores do próprio sujeito, nomeadamente a sua personalidade e a sua história de desenvolvimento, por factores ou características da própria criança e por factores do contexto social, de apoio ou *stress*, em que a relação pais-criança está inserida: a relação conjugal, a rede de contactos sociais de que faz parte, e o emprego. Os comportamentos parentais seriam determinados por causas múltiplas, não tendo todas o mesmo grau de influência e havendo para além das influências directas, as indirectas (Belsky et al., 1989).

A irritabilidade, tensão e intolerância encontram-se associadas a maior depressão por parte dos pais, (Colleta, 1983; Field, 1985; Belle, 1982), mais *stress* (Colleta, 1981a); Belle, 1982; Heath, 1977), menor apoio social (Belle, 1982; Colleta, 1981b; Garbarino, 1976) e a histórias de desenvolvimento desfavoráveis (Engfer & Schneewind, 1982).

Os dados indicam que as mães «depressivas» tendem a ser menos atentas ou disponíveis para a criança, menos responsivas ou mais lentas a responder, mais restritivas ou mesmo hostis ou punitivas ou ainda a ter um comportamento intrusivo. Colleta (1983) observou que as mães depressivas propiciavam às suas crianças um ambiente mais hostil, indiferente e rejeitante. O estudo de Cox et al. (1987) mostra que as interações das mães deprimidas com os seus

bebés eram marcadas por insensibilidade para as pistas proporcionadas pela criança e terminavam com frequência em choro por parte desta ou tentativas de controlo por parte da mãe. No estudo de Belle (1982), a relação entre a mãe e a criança parecia sofrer a influência do *stress* e em particular da depressão. As mulheres referiam que cuidar das crianças era uma das suas tarefas mais difíceis quando estavam deprimidas. As mulheres sob *stress*, ou ansiosas referiam ser mais exigentes com as crianças, menos tolerantes em relação à desobediência e gritando e punindo mais quando confrontadas com a desobediência. A observação do seu comportamento também revelava menos comportamentos responsivos e carinhosos e mais comportamentos restritivos e punitivos.

O *stress* em geral e o «*stress* profissional» em particular, pode ser uma fonte de incompatibilidade com o relacionamento parental adequado e de maior irritabilidade.

Heath (1977) mostrou que quanto mais tempo e energia os pais dedicavam ao seu emprego, mais sentimentos de culpa, irritabilidade e impaciência mostravam nas suas relações com os filhos. Consistente com esta perspectiva é o trabalho de Piotrkowski (1979). Este trabalho mostra como a experiência profissional pode influenciar o que se passa na família através da mediação do estado emocional do adulto que por sua vez influencia a disponibilidade que terá para os membros da família (Bronfenbrenner & Crouter, 1983). Quando os adultos se sentiam em *stress* ou preocupados devido a conflitos, sobrecarga, tédio ou subutilização das suas capacidades vinham para casa fatigados irritáveis e preocupados e procuravam criar ou manter uma «barreira» entre eles e os outros membros da família. Quando os filhos não mantêm esta distância os pais tornam-se irritados e zangados. Pelo contrário, quando o adulto se sentia satisfeito com o seu emprego, tendia a iniciar contactos calorosos, próximos e interessados com os familiares.

A «satisfação profissional» dos pais é outro aspecto associado ao comportamento parental menos adequado. Kemper e Reichler (1976) encontraram uma relação negativa entre a satisfação profissional dos pais e a severidade da punição utilizada pelos pais.

O «apoio social», pelo contrário, poder ser

um factor que minimize as condições psicológicas adversas. O apoio ou assistência nos cuidados a prestar à criança, o apoio emocional incondicional, e orientações sobre como se pode manter o controlo e autoridade sobre a criança revelaram-se importantes em especial no caso de mães solteiras (Belle, 1982).

Esta autora verificou que o número de pessoas que apoiavam especificamente nos cuidados a prestar à criança e ter alguém a quem pudessem recorrer, mesmo sem ser em situações de necessidade, estavam associados ao bem estar emocional e à qualidade das interações com os filhos. Colleta, (1981b) num estudo com mães adolescentes verificou que as mães com níveis elevados de apoio emocional referiam ser menos agressivas e rejeitantes, ralhavam e ameaçavam menos às crianças.

No estudo de Engfer e Schneewind (1982) a irritabilidade e tensão nervosa (medida pela equivalente alemã do 16PF) eram preditas por experiências desfavoráveis de socialização dos pais, ou seja, uma «história de desenvolvimento» desfavorável e eram um forte preditor da tendência para se encolerizarem com os filhos (*parental anger-proneness*). Por sua vez, esta tendência para se encolerizar era um dos melhores preditores da utilização de punição severa.

Alguns dos determinantes do comportamento parental como as características depressivas da personalidade ou o *stress* poderão estar associados ao sentimento de auto-eficácia parental. De acordo com o conceito de auto-eficácia de Bandura, (1977, 1982), seria de esperar que os pais com baixa estimacão da sua eficácia parental, ou seja com pouca confiança na sua habilidade para lidar com as crianças, tenderiam a desistir facilmente, a fazer atribuições internas para os seus falhanços e experimentar um aumento na ansiedade e/ou depressão. Será que os pais com menor expectativa de eficácia se irritam mais com as crianças?

Neste estudo procurámos construir um instrumento exploratório que medisse a irritabilidade parental e avaliar alguns factores que lhe poderão estar associados como sejam a depressão, o *stress* profissional, o apoio social que os pais pensam ter disponível e a sensação de eficácia no papel parental. Esperamos que a associação da irritabilidade com a depressão e o *stress*

sejam positivas e que a sua associação com o apoio social e sensação de eficácia no papel parental seja negativa. Finalmente, avaliámos a frequência com que os pais ruminam, ou seja, pensam constantemente acerca das suas dificuldades ou problemas e que reações emocionais apresentam nestes momentos por considerarmos que este aspecto pode aumentar a irritabilidade ou funcionar como mediador entre a depressão ou o *stress* profissional e a irritabilidade (de acordo com a ideia de Bronfenbrenner & Crouter, 1983, mencionada anteriormente).

## 1. METODOLOGIA

### 1.1. *Sujeitos*

A amostra é composta por 81 pais de crianças de um jardim infantil, 45 mulheres e 36 homens com idade média de 32 anos e estatuto socio-económico predominantemente médio-alto. As famílias têm na sua maioria um ou dois filhos, entre os 2 e os 6 anos. Todos os sujeitos trabalham excepto 2 mulheres.

### 1.2. *Procedimento*

Os sujeitos foram contactados através do jardim infantil que os filhos frequentam. Foi enviada uma carta em que o estudo era apresentado como uma investigação sobre a maneira de pensar e sentir dos pais e mães e um conjunto de questionários para a mãe e outro idêntico para o pai que devolviam em envelope fechado através da escola. Foram devolvidos cerca de 90% dos questionários distribuídos.

Em 36 das famílias ambos os pais responderam e em outras 9 apenas a mãe respondeu. Estes dados foram recolhidos no ano de 1988.

### 1.3. *Instrumentos*

Cada sujeito preenchia 8 questionários: um questionário sobre dados demográficos, uma escala de irritabilidade parental, uma escala de depressão, uma de apoio social, uma de *stress* profissional, uma escala de percepção de auto-eficácia parental, uma escala de ruminação e uma sobre cuidados parentais. Foi ainda ava-

liada a satisfação profissional, a satisfação com o estatuto de emprego e utilizados 5 itens acerca da disponibilidade para brincar com os filhos.

**Irritabilidade parental** — Os 9 itens utilizados no formato preliminar da escala de irritabilidade foram construídos a partir de conceitos frequentemente encontrados nas definições de irritabilidade como impaciência, intolerância e fraco controlo da raiva ou cólera, e tendo em conta uma série de situações da vida quotidiana em que os pais em interacção com os filhos podem encontrar contrariedades e irritar-se<sup>1</sup>. São exemplos de itens: «irrito-me facilmente e perco a paciência quando a minha criança anda atrás de mim a solicitar-me» ou «irrito-me quando a minha criança não faz aquilo que lhe digo para fazer». Cada item tem uma escala de 5 pontos desde o «não, nunca» até ao «sim, quase sempre».

**Depressão** — Foi utilizada uma versão reduzida, 13 itens, da escala de depressão de Beck, (B.D.I.), que corresponde a uma adaptação de Collet e Cottraux (1985). Trata-se de uma medida de auto-avaliação da depressão.

**Stress** — A medida de *stress* utilizada foi construída, propositadamente para este estudo, com base em aspectos identificados na bibliografia como estando associados ao *stress*, como o caso dos conflitos com os colegas ou sobrecarga de trabalho. Inclui 6 itens avaliando o *stress* profissional incluindo questões sobre horas de trabalho, alterações nos horários de trabalho, dificuldades com os colegas, com os superiores, sentir-se pressionado para realizar as suas tarefas, e possibilidade de perder o emprego.

Cada item contém uma escala de 5 pontos desde 5 — sim, sempre —, até 1 — nunca acontece. Um exemplo de um item é: «Sente dificuldade em lidar com os seus colegas de trabalho?».

**Apoio Social** — A escala de apoio social utilizada corresponde a uma versão de 5 itens da *Social Provision Scale* (S.P.S.; Russel & Cutrona, 1984), utilizados de acordo com a modificação introduzida por Cutrona e Troutman (1986). Esta medida de apoio social percebido

<sup>1</sup> Por erro de dactilografia o item 2 teve de ser eliminado. Os cálculos posteriores não incluem este item.

cobre cinco tipos de apoio social que uma pessoa pode receber e que foram especificados por Weiss (1974): aliança de confiança, integração social, reafirmação de valor, orientação ou conselhos e *attachment* (não foi utilizado nenhum item para medir a sexta dimensão especificada por Weiss — oportunidade de cuidar de outros). Cada item é uma afirmação em relação à qual o sujeito aponta o grau de veracidade numa escala de 7 pontos, desde «totalmente verdade» até «não é de nenhum modo verdade». Um exemplo de item é: «Posso contar sempre com a ajuda da minha família quando preciso.» A consistência interna para a forma reduzida da S.P.S é moderada,  $\alpha = .65$  e a correlação entre a forma reduzida e a escala original (com 24 itens) é elevada  $r = .92$  (Cutrona & Troutman, 1986).

**Auto-Eficácia Parental** — A sensação de auto-eficácia no papel parental foi avaliada através do *Parenting Sense of Competence Scale* (PSCS; Gibaud-Wallston, 1977) que contém 7 itens avaliados numa escala de 5 pontos desde «concordo inteiramente» até «discordo inteiramente».

São exemplos de itens: «Ser mãe (pai) não é uma tarefa difícil e todos os problemas são facilmente resolvidos» ou «Eu acho que sou um(a) mãe(pai) capaz e confirmo isso quando cuido do meu filho». O Alpha de Cronbach para esta escala é igual a .72 (Guibaud-Wallston, 1977).

**Ruminação** — A ruminação foi avaliada através de 5 itens, criados propositadamente para este estudo. Um sobre a tendência para recordar acontecimentos que foram desagradáveis para si próprio e em relação aos quais experimenta incertezas e dificuldades.

Os quatro itens seguintes procuram avaliar se perante estas recordações o sujeito tende a ficar abatido, ansioso, irritável ou a pensar que dificilmente vai ultrapassar essa situação.

**Cuidados parentais** — Os 4 itens sobre os cuidados a prestar à criança foram construídos de acordo com Belsky et al. (1983), e procuram avaliar qual a responsabilidade ou participação do pai e da mãe em tarefas diárias como vestir ou ajudar a vestir a criança, ou a comer, a dar o banho e deitá-la de noite.

A satisfação com a profissão foi avaliada por uma pergunta: «Considerando todos os aspectos

da sua vida profissional diria que está:», em relação à qual os sujeitos preenchiem uma escala de satisfação desde 1 — «muitíssimo insatisfeito» — até 7 — «muitíssimo satisfeito».

A satisfação com o seu estatuto de emprego era avaliada por uma pergunta de resposta sim/não (Se o dinheiro não fosse problema, preferia ficar em casa?).

Os 5 itens sobre o jogo relacionam-se sobretudo com a disponibilidade dos pais para brincar com os filhos. Um item típico é: «Quando a minha criança me solicita para brincar eu brinco com ela».

## 2. RESULTADOS

### 2.1. *Construção das escala de irritabilidade, de ruminação, de stress profissional e de cuidados parentais*

A análise de Componentes Principais dos itens de *irritabilidade* após rotação varimax evidencia dois factores.

O primeiro factor, que pode ser designado por irritabilidade ou impaciência, inclui os itens 1, 3, 5, 6, 7 e 9. Destes, os itens 1, 3 e 6 têm coordenadas ou «pesos» desprezíveis no segundo factor, e os itens 5, 7 e 9 têm valores inferiores a .38 no segundo factor. O segundo factor inclui os itens 4 e 8 e pode ser designado por agressão/culpabilidade. O item 4 tem um peso baixo no primeiro factor, e o item 8 apesar de não ter um peso desprezível no 1 factor recai sobretudo no segundo factor.

Também era importante construir uma escala de irritabilidade que fosse independente de outras variáveis como a depressão. Assim as características psicométricas de cada um dos itens foram analisadas para identificar aqueles itens com correlações item-total mais elevadas e correlações mais baixas com a variável depressão.

Com excepção dos itens 1 e 4 as correlações item-total são iguais a .55 ou superiores (Tabela 2).

Os itens 8 e 9 apresentam correlações estatisticamente significativas embora baixas com a variável depressão (ver Tabela 3). Em todo o caso a correlação de cada item com o total é sempre mais alta do que a sua correlação com a variável depressão. Em face destes re-

TABELA 1  
Análise Factorial dos Itens de Irritabilidade

		FACTOR 1	FACTOR 2
I3	Fico irritado quando a minha criança começa a chorar por uma ninharia, isto é, quando chora sem estar doente, com fome ou por...	.79	.17
I6	Irrito-me quando... não faz aquilo que se lhe diz para fazer	.78	.08
I9	Acontece-me perder a paciência e gritar ou bater nas minhas crianças	.68	.28
I7	Quando dou o banho, de comer ou mudo a roupa ou... (ou ajuda numa destas tarefas) irritado-me facilmente se algo me contraria	.64	.28
I1	Irrito-me facilmente e perco a paciência quando a minha criança anda atrás de mim a solicitar-me	.60	.07
I5	Quando algum assunto me anda a enervar tenho tendência para ter menos paciência para...	.55	.38
I4	Tenho a sensação que não procedo bem quando ralho ou bato... mas não consigo evitá-lo	.04	.92
I8	Por vezes perco a paciência e sinto vontade de bater ou fazer mal à minha criança e depois culpabilizo-me por isso	.38	.75

TABELA 2  
Correlações item-total

Item	Correlação
I1	.4119
I3	.6311
I4	.4049
I5	.5587
I6	.5744
I7	.5602
I8	.6052
I9	.5987

TABELA 3  
Correlação dos itens de irritabilidade com a variável depressão

Item	Depressão
I1	.1699
I3	.2595
I4	.2410
I5	.2054
I6	.1985
I7	.0668
I8	.3376*
I9	.4591**

sultados optou-se por constituir uma escala de irritabilidade que excluiu os itens 4 e 8 apontados pela análise factorial como pertencentes a outro factor e apresentando (o item 8) uma das correlações mais altas com a variável depressão.

O valor de consistência interna da escala de irritabilidade incluindo apenas os 6 itens do primeiro factor é elevado ( $\alpha=.82$ ). A média para esta escala de 6 itens de irritabilidade é entre baixa e moderada o que significa que a maioria dos sujeitos da amostra estudada se irritam «poucas vezes» com os filhos ou entre poucas e «muitas vezes». A média das mulheres,  $M=15.91$  é ligeiramente superior à dos homens,  $M=14$  (Tabela 6).

A análise factorial dos itens sobre *ruminação* revelam apenas um factor (Tabela 4) e a análise da consistência interna um alpha aceitável (.74).

No total da escala as mulheres apresentam uma média mais alta de ruminação  $M=9.38$ , contra  $M=8.09$  dos homens (Tabela 6).

Como a consistência interna dos itens de *stress profissional* se revelou muito reduzida ( $\alpha=.43$ ), optámos, após a análise dos itens, por criar uma medida de *stress* apenas com dois itens: «sente dificuldades em lidar com o seu

TABELA 4  
*Análise Factorial dos Itens de Ruminação*

R3	...foram desagradáveis, tenho tendência a ficar ansioso.	.71548
R1	...a recordar acontecimentos que foram desagradáveis...	.71482
R4	...foram desagradáveis, tenho tendência a ficar irritável.	.70267
R5	...a pensar que dificilmente vou ultrapassar essa situação.	.68862
R2	...foram desagradáveis, tenho tendência a ficar abatido.	.67665

TABELA 5  
*Análise Factorial dos Itens sobre Cuidados Parentais*

C3	Quem é responsável por: dar ou ajudar a criança no banho.	.81627
C2	Quem é responsável por: dar ou ajudar a comer.	.78104
C4	Quem é responsável por: deitá-la de noite.	.65897
C1	Quem é ...vesti-la ou ajudar a vestir de manhã.	.43070

chefe ou patrão?» e «sente dificuldades em lidar com os seus colegas de trabalho?», que ainda assim tem baixa consistência interna ( $\alpha = .61$ ). A análise do *score* total obtido com estes dois itens revela que os valores de *stress* são baixos tanto para os homens,  $M = 3.81$  como para as mulheres,  $M = 3.61$ , (Tabela 6). Isto significa que a maioria dos sujeitos refere ter dificuldades com os colegas ou superiores apenas raramente.

Da análise dos itens sobre os cuidados parentais verificou-se que existia apenas um único factor (Tabela 5). Como a consistência interna destes itens era reduzida ( $\alpha = .61$ ), optou-se por retirar o item 1 que tem a correlação com o total dos itens mais baixa (e também a saturação mais baixa na análise factorial) conseguindo com isso aumentar a consistência interna para .67. Da análise descritiva do *score* total obtido com os 3 itens restantes verifica-se que quer as mulheres quer os homens dizem ser quase sempre a mulher ou mais vezes a mulher a responsável por estas tarefas.

## 2.2. Outras escalas

A média para a variável *depressão* no conjunto da amostra é muito baixa como seria de esperar numa população «normal». É mais elevada para as mulheres do que para os

homens. Encontram-se 70 sujeitos não deprimidos, e 11 (14%) com alguma sintomatologia depressiva, sendo destes, 6 mulheres e 2 homens com depressão ligeira (valores superiores a 6), 2 com depressão moderada (valores superiores a 11) e 1 com depressão severa (20). O valor de consistência interna do instrumento é elevado ( $\alpha = .80$ ).

A escala de *apoio social* percebido apresenta baixa consistência interna quer para o conjunto da amostra quer para o grupo dos homens. Sendo assim, optámos por analisar esta variável apenas no grupo das mulheres, onde apresenta uma consistência interna aceitável ( $\alpha = .69$ ). A média de apoio para as mulheres é 27.69 o que traduz uma sensação de apoio disponível elevado (Tabela 6).

A *percepção de auto-eficácia* no papel parental dos sujeitos é moderada sendo ligeiramente superior nas mulheres,  $M = 26.18$  do que nos homens  $M = 24.55$  (Tabela 6). O grau de consistência interna é aceitável ( $\alpha = .77$ ).

## 2.2. Relação entre variáveis

A análise da relação entre as várias variáveis será feita primeiro para o conjunto da amostra e de seguida separadamente para os homens e para as mulheres.

TABELA 6  
*Dados Descritivos para as várias Variáveis*

Variável	n.º itens	Mulheres/Homens	Média	Des. Pa.	Mínimo	Máximo	N
Irritabilidade	6	Mulheres	15.91	4.18	8	26	43
		Homens	14.00	4.34	8	24	33
Depressão	13	Mulheres	3.21	3.85	0	20	43
		Homens	2.06	2.72	0	12	34
Stress	2	Mulheres	3.61	1.74	2	8	41
		Homens	3.81	1.33	2	6	32
Apoio	5	Mulheres	27.69	5.01	11	35	42
Eficácia	7	Mulheres	26.18	3.94	16	35	44
		Homens	24.55	4.11	17	35	33
Ruminação	5	Mulhres	9.38	3.15	5	18	42
		Homens	8.09	2.23	5	12	35
S. P.	1	Mulheres	4.43	2.43	1	7	42
		Homens	4.60	1.46	1	7	35

S.P. — Satisfação Profissional

No conjunto da amostra os resultados encontram-se todos no sentido esperado. A variável irritabilidade aparece correlacionada positivamente e significativamente com a depressão  $r=.30$ ,  $p<.005$  (a versão reduzida do questionário de Beck utilizada neste estudo não inclui o item de irritabilidade) e negativamente com a sensação de eficácia parental  $r=-.34$ ,  $p<.002$ , no entanto os valores de associação são relativamente baixos; e não se encontra relacionada com o *stress* profissional assim como com a satisfação com a profissão.

No entanto os resultados para o conjunto da amostra escondem uma situação bastante diferente e mais interessante quando analisados em função do sexo. Verifica-se que a relação entre a irritabilidade e o *stress* ocorre para o grupo das mulheres, sendo moderada  $r=.49$   $p=.001$ , aquelas que referem mais *stress* profissional irritam-se mais com os filhos, e é nula na amostra dos homens (Tabelas 7 e 8). A *auto-eficácia* parental por seu lado está mais associada à irritabilidade nos homens  $r=-.47$ ,  $p=.004$  do que nas mulheres  $r=-.33$ ,  $p=.015$ ;

quanto mais irritáveis se sentem menos eficazes se acham, ou o inverso. Das restantes variáveis, a *depressão* está positivamente relacionada com a irritabilidade quer para os homens  $r=.30$ ,  $p=.048$ , quer para mulheres  $r=.27$ ,  $p=.041$ . O *apoio social* no grupo das mulheres não está significativamente relacionado com a irritabilidade. No grupo das mulheres, a frequência de *cuidados* que elas prestam às crianças não se encontra associada à irritabilidade ( $r=-.09$ ). Pelo contrário, os homens quanto mais participam nessas tarefas mais irritados se sentem ( $r=.36$ ) (ver Tabelas 7 e 8).

A *satisfação com o estatuto de emprego* (S.E.E.) aparece associada de modo significativo com a irritabilidade no caso dos homens. Os que menos se irritam com os filhos são os que dizem preferir ficar em casa, se o dinheiro não fosse problema (só há 8 homens nestas condições).

Por seu lado uma maior *satisfação profissional* (S.P.), no caso das mulheres, está associada a menor irritabilidade  $r=-.33$ ;  $p=.019$ . No grupo dos homens a satisfação com o trabalho

TABELA 7  
Correlações bivariadas: amostra de mulheres

	Irr.	Cui.	Dep.	Efi.	Str.	Ru.	Apo.	S.P.	S.E.- E.	Ida.	R.M.
Irritabilidade											
Cuidados	-.09										
Depressão	.27	-.04									
Eficácia	-.33	-.06	-.22								
Stress	.49**	.16	.37	-.22							
Ruminação	.29	-.07	.33	-.19	.20						
Apoio	-.17	.29	-.65**	.19	-.32	-.14					
S.P.	-.33	.19	-.58**	.27	-.43	-.20	.66**				
S.E.E.	.20	.03	-.02	-.31	.02	.22	.14	.11			
Habilitações	.13	.45*	-.11	-.17	-.07	.07	.32	.33	.22	.06	.62**

S.P. — Satisfação Profissional      S.E.E. — Satisfação com o Estatuto de Emprego  
Níveis de significância: \* < .01      \*\* < .001

TABELA 8  
Correlações bivariadas: amostra de homens

	Irr.	Cui.	Dep.	Efi.	Str.	Ru.	Apo.	S.P.	S.E.E.	Ida.	R.M.
Irritabilidade											
Cuidados	.36										
Depressão	.31	-.21									
Eficácia	-.47*	-.19	-.16								
Stress	.02	-.18	.07	-.23							
Ruminação	.23	.28	.30	-.14	-.01						
Apoio											
S.P.	.40	.25	-.09	-.13	-.45*	.12					
S.E.E.	.42*	.16	.15	-.59**	.18	.21	.23				
Habilitações	.48*	.53**	-.05	-.55**	.09	.04	.28	.35	.21	.60**	

S.P. — Satisfação Profissional      S.E.E. — Satisfação com o Estatuto de Emprego  
Níveis de significância: \* < .01      \*\* < .001

também está associada à irritabilidade ( $r(32) = .40$ ;  $p = .011$ ). Registe-se, no entanto, que neste grupo, contrariamente ao que acontece para as mulheres, maior satisfação profissional está associada a maior irritabilidade.

Quanto ao jogo, as mães mais irritáveis tendem a não «brincar» com a criança quando a criança as solicita para tal  $r = -.40$ ,  $p = .004$ ; a serem elas a conduzir a brincadeira  $r = -.42$ ,  $p = .003$  e a desistir pouco depois do início da brincadeira  $r = -.30$ ,  $p = .025$ .

No grupo dos homens a irritabilidade só aparece significativamente correlacionada com «desistir pouco depois de começar a brincar»  $r(33) = -.33$ ;  $p = .033$ .

#### 2.4. A ruminação como variável mediadora entre o stress e a irritabilidade

Um dos objectivos deste estudo era determinar até que ponto a ruminação pode funcionar como mediador entre a depressão ou o *stress*

profissional e a irritabilidade. Tendo sido encontrada uma correlação moderada entre *stress* profissional e irritabilidade no caso das mulheres, procurámos verificar se existe uma mediação através do estado emocional da mãe.

Será que as mulheres tendem a ficar ansiosas e abatidas quando recordam dificuldades interpessoais no emprego e manifestam a sua irritabilidade ou tensão em relação às crianças?

Correlações parciais efectuadas com estas três variáveis não revelam que a ruminação possa ser considerada uma variável mediadora. A correlação entre *stress* e irritabilidade mantém-se quase a mesma quando é controlada a variável ruminação (de  $r=.49$  para  $r=.45$ ), mas a relação entre ruminação e irritabilidade também pouco se reduz quando é controlada a variável *stress* profissional (de  $r=.29$  para  $r=.17$ ). Ocorrem resultados idênticos quando em vez de usarmos o total de ruminação usamos apenas um item dessa escala, como o item sobre a resposta «ansiosa» ou «abatida».

### 3. DISCUSSÃO

Conseguiu-se construir uma escala de irritabilidade com elevada consistência interna e independente da variável depressão. No entanto será ainda necessário determinar a relação desta escala com outras escalas de irritabilidade nomeadamente a STAXI, *State-Trait Anger Expression Inventory de Spielberger* (1988b).

Como seria de esperar, no conjunto da amostra, esta medida de irritabilidade encontra-se associada positivamente à depressão e negativamente à sensação de auto-eficácia. Uma relação negativa entre a sensação de auto-eficácia e a irritabilidade parental corresponde ao que se esperava e significa que os pais com menos confiança na sua habilidade para lidar com as crianças confirmam isso mesmo na interacção com elas, sendo no entanto impossível por enquanto dizer qual a relação de causa e efeito entre as duas variáveis.

A relação entre depressão e irritabilidade também vai no sentido esperado embora a grandeza da associação não seja tão forte como supunhamos. Em todo o caso, a associação positiva revela que os pais com mais caracterís-

ticas depressivas de personalidade se irritam mais com os filhos.

No entanto, a comparação dos resultados de homens e mulheres revela alguns dados curiosos. Porque é que a irritabilidade está mais associada à auto-eficácia no caso dos homens? A diferença contudo não é grande,  $r=-.47$  nos homens e  $r=-.33$  no caso das mulheres.

Uma das maiores diferenças entre homens e mulheres diz respeito à associação entre o *stress* profissional e a irritabilidade. Porque é que a irritabilidade está associada ao *stress* profissional no caso das mulheres ( $r=.49$ ) e não no caso dos homens ( $r=.02$ )? Quer os valores médios de *stress* quer os de irritabilidade são idênticos nos dois sexos. Sendo assim, analisámos cada um dos itens da escala de irritabilidade, julgando poder encontrar diferentes justificações para se irritarem nos homens e nas mulheres. No entanto, não há diferenças entre os dois sexos em relação a cada um dos itens.

Outra razão da associação moderada entre irritabilidade e *stress* profissional no caso das mulheres e nula nos homens poder prender-se com a existência de diferentes mecanismos mediadores da irritabilidade para um e outro sexo. Num destes possíveis mediadores, a ruminação, mulheres e homens têm resultados diferentes. Apesar de não haver diferença na frequência com que recordam acontecimentos que foram desagradáveis ou em relação aos quais experimentam algumas incertezas ou dificuldades (item 1 da escala), quando essa recordação ocorre, as mulheres tendem a ficar mais abatidas  $t(75)=2.70$ ,  $\alpha=.008$ , e mais ansiosas  $t(75)=2.40$ ,  $\alpha=.019$ , do que os homens. Será que as mulheres tendem a ficar ansiosas e abatidas quando recordam dificuldades interpessoais no emprego e manifestam a sua irritabilidade ou tensão em relação às crianças? Os homens, apesar de recordarem igualmente dificuldades no emprego não ficariam necessariamente abatidos ou ansiosos nestas circunstâncias e teriam menos probabilidades de se irritarem com os filhos. Infelizmente não foi perguntado aos sujeitos se este tipo de ruminação ocorria predominantemente em relação a dificuldades com os colegas ou superiores no emprego ou em relação a outro tipo de causas. Por outro lado, correlações

parciais efetuadas com estas três variáveis não revelam que a ruminação total ou alguns dos seus itens possa ser considerada uma variável mediadora. Em síntese a ruminação não funciona como variável mediadora entre o *stress* profissional e a irritabilidade parental nas mulheres como supunhamos.

A diferença entre os dois sexos poder ainda estar associada à quantidade de cuidados prestados às crianças pelo pai e pela mãe. Como seria de esperar, são as mães que mais vezes se responsabilizam pelos cuidados a prestar às crianças. No grupo das mulheres, a frequência de cuidados que elas prestam não se encontra associada à irritabilidade. Pelo contrário, os homens quanto mais participam nessas tarefas mais irritados se sentem. Isto acontece em especial em relação às refeições; quando analisamos os itens individualmente, verificamos que quanto maior é a frequência com que dão de comer ou ajudam nessa tarefa maior é a sua irritabilidade parental  $r(32) = .46^*$ , ( $\alpha < .01$ ). Quanto ao efeito da participação do homem nos cuidados parentais sobre variáveis da mulher, verifica-se que quanto menos os maridos deitam ou ajudam a deitar as crianças à noite, maior é o *stress* profissional das esposas  $r(43) = -.34$ , ( $\alpha < .014$ ). A justificação deste resultado pode ser a seguinte: nos casais com melhor relacionamento conjugal os homens têm mais disponibilidade para participar nos cuidados às crianças e ao mesmo tempo para ouvir, discutir e ajudar as mulheres nas suas dificuldades de relacionamento no emprego diminuindo a sensação de *stress* profissional destas.

A maior diferença entre os dois sexos diz respeito à associação entre irritabilidade e satisfação profissional. No caso das mulheres, as mais satisfeitas profissionalmente irritam-se menos com os filhos ( $r = -.33$ ). No caso dos homens, os mais satisfeitos profissionalmente são os que mais se irritam com os filhos ( $r = .40$ ).

Os resultados do grupo dos homens não vão no mesmo sentido dos encontrados por Kemper e Reichler (1976) e merecem um comentário. A explicação poderia estar relacionada, em parte, com a participação nos cuidados diários à criança. No entanto assim não se verifica. No grupo dos homens a relação entre irritabilidade

e cuidados parentais mantém-se praticamente a mesma (de  $r = .36$  para  $r = .34$ ) se a variável satisfação profissional for controlada. Do mesmo modo, a relação entre irritabilidade e satisfação profissional, quando é isolado o efeito dos cuidados parentais, pouco se reduz (de  $r = .40$  para  $r = .34$ ). Isto leva-nos a concluir que os cuidados parentais não são uma variável mediadora entre a satisfação profissional e a irritabilidade parental e que portanto as duas variáveis têm cada uma delas um efeito separado sobre a irritabilidade parental.

Encontra-se um efeito de mediação, contudo, em relação à variável habilitações literárias. A relação entre irritabilidade e os cuidados parentais reduz-se substancialmente (de  $r = .36$  para  $r = .14$ ) quando a variável habilitações literárias é controlada, ao passo que a relação entre irritabilidade e habilitações literárias sofre uma redução muito menor (de  $r = .48$  para  $r = .36$ ) quando a variável cuidados é controlada. Parece-nos portanto, que a variável cuidados parentais medeia os efeitos das habilitações literárias sobre a irritabilidade parental. Ou seja, os homens de habilitações mais elevadas talvez devido à maneira como foram educados e/ou por maior exigência das esposas participam mais nos cuidados diários a prestar às crianças e por isso mesmo estão mais sujeitos a irritarem-se com elas. Sublinhe-se que alguns dos resultados mais interessantes encontrados neste estudo, como o caso das diferenças entre homens e mulheres no que diz respeito à relação entre irritabilidade parental e *stress* profissional ou satisfação profissional, assentam em variáveis medidas por «instrumentos» com poucos itens: apenas dois itens (caso do *stress* — ou dificuldades interpessoais no emprego) e um item (caso da satisfação profissional). Seria útil explorar no futuro estas relações encontradas através de instrumentos mais completos.

O resultado mais consistente deste estudo corresponde à relação entre irritabilidade e sensação de auto-competência parental. Esta relação é negativa tanto para os pais como para as mães. Apesar das correlações encontradas neste estudo, é impossível dizer se a irritabilidade é causa ou consequência da percepção de auto-eficácia. A irritabilidade pode ser vista como consequência — os pais com sensação de auto-eficácia mais baixa persistirão menos

perante dificuldades nas relações parentais, ou agirão com menor assertividade ou confiança e por isso mesmo não são capazes de resolver as dificuldades sem recorrer a comportamentos negativos (zangar-se, ralhar) por serem vistos como meios eficazes, de acordo com Zussman, (1980), de obter uma obediência imediata. Esta hipotética relação explicaria apenas uma parte reduzida das situações de irritabilidade. A irritabilidade também pode ser vista como uma causa da sensação de auto-eficácia parental — os pais que se irritam com os filhos devido, por exemplo, a uma irritabilidade de estado elevada como reacção emocional durante transações antecipatórias com o meio ou após uma transação desagradável com a esposa, ou que se irritam devido a violações por parte da criança de normas da mãe (Minton et al., 1971), constatarem ou admitem que têm dificuldades ou que são menos capazes ou eficientes.

Provavelmente, entre irritabilidade e percepção de auto-eficácia parental existe uma influência mútua. Seria importante no futuro utilizar dados longitudinais para determinar estes efeitos.

#### BIBLIOGRAFIA

- Bandura, A. (1977). Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavioral change. *Psychological Review*, 84: 191-215.
- Bandura, A. (1988). *Self-efficacy in human agency*. *American Psychologist*, 37: 122-147.
- Belle, D. (1982). Social ties and social support. In *Lives in stress: Women and depression* (Belle, Ed.), Beverly Hills: Sage Publications.
- Belsky, J., Spanier, G. & Rovine, M. (1983). Stability and change in marriage across the transition to parenthood. *Journal of Marriage and the Family*, 45: 567-577.
- Belsky, J. & Vondra, J. (1989). Lessons from child abuse: the determinants of parenting. In *Child Maltreatment: Theory and research on the causes and consequences of child abuse and neglect* (D. Cicchetti & V. Carlson, Eds.), New York: Cambridge University Press.
- Bronfenbrenner, U. & Crouter, A. C. (1983). The evolution of environmental models in developmental research. In *The handbook of child psychology* (P. Mussen, Ed.), New York: Wiley.
- Codreanu, N., (1984). *Kindbezogene Einstellungen von Müttern mit Kleinkindern*. Diplomarbeit, Dept. of Psychology, Munich University.
- Collet, L. & Cottraux, J. (1985). Inventaire abrégé de la dépression de Beck (13 items). Etude de la solidité concurrente avec les échelles de Hamilton et de ralentissement de Widlocher. *L'Encéphale*.
- Colleta, N.D. (1981a). *The influence of support systems on the maternal behavior of young mothers*. Paper presented at the Biennial Meeting of the Society for Research in Child Development, Boston: Mass., April.
- Colleta, N. (1981b). Social support and the risk of maternal rejection by adolescent mothers. *Journal of Psychology*, 109: 191-197.
- Colleta, N. (1983). At risk for depression: a study of young mothers. *The Journal of Genetic Psychology*, 142: 301-310.
- Conger, R., McCarty, J., Yang, R., Lahey, B. & Kropp, J. (1984). Perception of child, childrearing values, and emotional distress as mediating links between environmental stressors and observed maternal behavior. *Child Development*, 55: 2234-2247.
- Cox, A., Puckering, C., Pound, A. & Mills, M. (1987). The impact of maternal depression in young children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 28: 917-928.
- Cutrona C. & Troutman B. (1986). Social Support, infant temperament, and parent self-efficacy: A mediational model of postpartum depression. *Child Development*, 57: 1507-1518.
- Dix, T., Reinhold, D. & Zambarano, R. (1990). Mothers' judgment in moments of anger. *Merrill-Palmer-Quarterly*, 36(4): 465-486.
- Elder, G.H., Jr. Liker, J.K. & Cross, C.E. (1984). Parent-child behavior in the Great Depression: Life course and intergenerational influences. In *Lifespan development and behavior*, vol. 6 (P.B. Baltes & O.G. Brim, Eds.), New York: Academic Press.
- Engfer, A. (1984). *Entwicklung punitiver Mutter-Kind-Interactiven im sozioökologischen Kontext*. Arbeitsbericht zum Antrag an die Deutsche Forschungsgemeinschaft auf Gewährung einer Sachbeihilfe. Dept. of Psychology, Munich University.
- Engfer, A. & Schneewind, K.A., (1978). Der SEE. *Ein Fragebogen zur Erhebung selbstperzipierter elterlicher Erziehungseinstellungen*. Arbeitsbericht 22 aus dem EKB-Projekt an der Universität München.
- Engfer, A. & Schneewind, K. (1982). Causes and consequences of harsh parental punishment. *Child Abuse and Neglect*, 6: 129-139.
- Engfer, A. & Gavranidou, M. (1986). Antecedents and consequences of maternal sensitivity. A longitudinal study. In *Psychobiology and early*

- development (H. Rauh & H.C. Steinhauen, Eds.), Amsterdam: North Holland.
- Engfer, A. (1988). The interrelatedness of marriage and the mother-child relationship. In *Relationships within families. Mutual influences* (R. Hinde & J. Stevenson-Hinde Eds.), New York: Oxford University Press.
- Field, T., Sanberg, D., Garcia, R., Vega-Lahr, N., Goldstein, S. & Guy, L. (1985). Pregnancy Problems, Postpartum Depression, and Early Mother-Infant Interactions. *Child Development*, 21(6): 1152-1156.
- Garbarino, J. (1976). A preliminary study of some ecological correlates of child abuse: The impact of socioeconomic stress on mothers. *Child Development*, 47: 178-185.
- Gibaud-Wallston, J.A. (1977). Self-esteem and situational stress: Factors related to sense of competence in new parents. (Doctoral dissertation, George Peabody College for Teachers, 1977). *Dissertation Abstracts International*, 39: 379B.
- Heath, D. (1977). Some possible effects of occupation on the maturing of professional men. *Journal of Vocational Behavior*, 11: 263-281.
- Kemper, T. & Reichler, M. (1976). Fathers work integration and frequencies of rewards and punishments administered by fathers and mothers to adolescent sons and daughters. *Journal of Genetic Psychology*, 129: 207-219.
- Minton, C., Kagan, J. & Levine, J. (1971). Maternal control and obedience in the two-year-old. *Child Development*, 42: 1873-1894.
- Novaco, R. & Welsh, W. (1989). Anger disturbances: Cognitive mediation and clinical prescriptions. In *Clinical approaches to violence* (K. Howells & C. Hollin, Eds.), New York: John Wiley and Sons.
- Piotrkowski, C.S. (1979). *Work and the family system: A naturalistic study of working-class and lower-middle class families*. New York: The Free Press.
- Russell D. & Cutrona C. (1984). *The provision of social relationships and adaptation to stress*. Paper presented at the American Psychological Association Convention in Toronto, Ontario, Canada, August.
- Spielberger, C.D., Jacobs, G. & Russell, S. (1983). Assessment of anger: The State-Trait Anger Scale. In *Advances in personality assessment*, Vol. 2 (J.N. Butcher & C.D. Spielberger, Eds.), Hillsdale, NJ: Lea.
- Spielberger, C.D., Johnson, E.H., Russell, S.F., Crane, R.J., Jacobs, G.A. & Worden, T.J. (1985). The experience and expression of anger: Construction and validation of an anger expression scale. In *Anger and hostility in cardiovascular and behavioral disorders* (M.A. Chesney & R.H. Rosenman, Eds.), New York: Hemisphere/McGraw-Hill.
- Spielberger, C.D., Krasner, S. & Solomon, E. (1988a). The experience, expression and control of anger. In *Health psychology: Individual differences and stress* (M.P. Janisse, Ed.), New York: Springer Verlag Publishers.
- Spielberger, C. (1988). *Manual for the State-Trait Anger Expression Scale (STAXI)*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources, inc.
- Weiss, R. (1974). The provision of social relationships. In *Doing unto others* (Z. Rubin, Ed.), Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Zussman, J. (1980). Situational determinants of parental behavior: effects of competing cognitive activity. *Child Development*, 51: 792-800.

## RESUMO

Neste estudo o autor procurou construir um instrumento exploratório que medisse a irritabilidade parental e avaliar alguns factores que lhe poderão estar associados como sejam a depressão, o stress profissional, o apoio social que os pais pensam ter disponível e a sensação de eficácia no papel parental. A amostra é constituída por 45 mulheres e 33 homens, trabalhadores, com idade média de 32 anos, com estatuto socioeconómico predominantemente médio/alto e na maioria com 1 ou 2 filhos entre os 2 e os 6 anos. Conseguiu-se construir uma escala de irritabilidade parental com elevada consistência interna. A irritabilidade parental estava associada negativamente à eficácia parental no caso das mulheres. A associação entre irritabilidade e stress profissional era positiva e moderada no caso das mulheres e nula no caso dos homens.

## ABSTRACT

This paper describes the construction of a preliminary scale on parental anger and evaluate its correlations with other variables like depression, professional stress, social support and parental self-efficacy. Subjects are 45 fathers and 36 mothers, working full-time, mean age 32 years old, predominantly high SES, with 1 or 2 children between 2 and 6 years old. Parental anger scale showed high internal reliability. For mothers, parental anger showed negative correlation with parental self-efficacy. The correlation between professional stress and parental anger was positive and moderate for mothers and null for fathers.